

O Exército e o Nordeste

Rubem Braga

NUMA coisa o comando da 10ª Região Militar tem razão: a Igreja, no Nordeste, está fugindo ao seu papel histórico. O bom padre nordestino era uma espécie de funcionário categorizado do senhor de engenho; fazia um pouco de assistência social, de relações públicas e de polícia espiritual.

Era um feitor das almas. Abria aos pobres severinos, as melhores regalias no Reino dos Céus, desde que eles não tentassem fugir ao seu destino neste mundo, que era consumir toda a força de seus braços em benefício do patrão, e lhe ser submisso.

Essa função da Igreja não é certamente uma peculiaridade do Nordeste; ela sempre funcionou assim, no Brasil e no mundo. Mas lá, na sociedade patriarcal, ela era mais marcante. O padre jamais falava ao trabalhador de seus direitos, e, sim, de seus deveres. O trabalhador sacrificado, sabendo que não encontraria apoio algum no clero normal, levava suas humildes esperanças para sacerdotes do tipo padre Cícero, quando não para fanáticos e iluminados, para chefes do cangaço ou líderes comunistas.

As sucessivas crises econômicas e sobretudo a lenta mas já sensível transformação social do Nordeste, que a SUDENE, com todos os seus defeitos, acelerou, obrigaram a Igreja a tomar outra posição. No lugar de deixar os pobres em um dilema entre «beatos» ocasionais e agitadores comunistas, (para não falar dos babalorixás, dos espíritas e dos protestantes), ela resolveu conquistá-los. Passou a estudar e apoiar suas reivindicações, seus direitos legais. É possível que algum padre mais exaltado ou algum jovem da Ação Católica se extremasse um pouco nessa orientação nova, dando-lhe um colorido esquerdista, fácil de confundir com extremismo. A velha estrutura agrária do Nordeste, já condenada pelas novas forças econômicas, tem uma ideologia tão retrógrada, que ser esquerdista em relação a ela não é difícil.

Compreende-se que essa nova e inteligente posição da Igreja — que corresponde, aliás, à orientação que vem de Roma — desagradasse e despertasse reação. O que me parece melancólico é que os agentes dessa reação sejam coronéis e generais do Exército. Sabíamos que presos políticos, comunistas ou não, haviam sido espancados ou torturados em quartéis do Exército. Agora vemos que as autoridades militares resolvem deitar doutrina sobre a função e o procedimento do clero, passando pito em bispos e arcebispos. O Exército é levado, assim, a assumir, no Nordeste, o papel deprimente de um grande feitor a serviço dos interesses mais retrógrados, e, inclusive, superados pela evolução do próprio capitalismo.

É nessa hora que se fala em dar em caráter permanente, na nova Constituição, à Justiça Militar, a competência para julgar civis. Quanta tolice, quanta patada vem por aí!

DN - 16.8.66